

SIGAM-NA SEMPRE!



Quando, em 1954, cheguei a Roma para o noviciado, fui inserida, durante as três horas diárias de apostolado no assim chamado *Centro*. Situava-se no andar térreo da nova Casa Divino Mestre, inaugurada em 1950. Uma grande sala retangular,

de onde enviávamos às irmãs das livrarias e às propagandistas sugestões e subsídios organizativos e formativos. Ir. Assunta Bassi era a alma, Ir. Fátima Malloci e Ir. Paola Honau suas colaboradoras. E entre as jovens, professoras e noviças, aprendizes entusiastas, estavam Cesarina Fra, Tarcisia Baltieri, Lucia Righettini, Daniela Baronchelli e eu.

No primeiro andar estava o escritório de Mestra Tecla e de Ir. Ignazia Balla, ecônoma; a capela e a nova Sala São Paulo, com uma biblioteca muito rica de obras úteis para a redação.

O que eu me lembro de Mestra Tecla? Não me lembro de nenhum episódio particular daquele período. Mas sim, do sentimento profundo e consciente da relação afetiva que vivíamos com ela. Sabíamos que ela estava ali, bem próxima, no andar de cima. Eu sentia, todas sentiam que ela nos valorizava e nos queria bem, ficava contente com o que fazíamos para ajudar as Casas a progredir no apostolado. Mestra Assunta, às vezes, referia-nos detalhes daquilo que o Primeiro Mestre lhe sugeria e ela ficava muito contente: organizar melhor a propaganda (foi criado o *vademecum*), para ajudar as irmãs a serem mais informadas e competentes, começamos a preparar as fichas das resenhas dos livros para as livrarias, o arquivo kardex, etc.

Naquele tempo, o arquivo dos livros e o depósito foram colocados no subsolo da mesma casa. Às vezes, eu me encontrava com Mestra Tecla no corredor ou na escada. Recém-chegada, eu me sentia orgulhosa de pensar que ela estava contente com nosso trabalho. Eu sentia que o apostolado estava em seu coração. Isso foi sempre crescendo em meu coração. Não me importava se o meu trabalho fosse apenas o de conferir

as faturas, em pé, apoiada no parapeito da janela.

Como professora, trabalhei cerca de cinco anos no Centro *Ut unum sint*. Em várias ocasiões, nos encontrávamos em situações difíceis no trabalho. Mais de uma vez, com Ir. Cristina Schreil, lhe confiamos nossos problemas e incertezas. Ouvia-nos, sentíamos que nos compreendia e dava-nos orientação sobre como agir.

Toda vez que ela voltava de suas viagens ao exterior, encontrava-se com a comunidade para saudá-la e dar-lhe breves informações sobre as realidades que havia visto e as coisas que a haviam impressionado, a vida e o apostolado das irmãs... Tudo era maravilhoso para nós. Era como se projetasse um documentário que alargava nosso horizonte.

Tenho uma lembrança festiva e até engraçada no retorno de uma de suas viagens do Japão. Para saudá-la, com algumas irmãs japonesas de nosso grupo, inventamos um canto em japonês (!!!), incluindo os nomes das cidades e comunidades que visitou: *Oedo nipponbasi nanadsudaci, adsunobori* ... o ritmo era bonito. Ela ouviu-nos com os olhos arregalados, procurando descobrir o que cantávamos. No final, riu muito... e isso deu-nos grande satisfação.

Entre as recordações de minha juventude, na comunidade de Roma, lembro aquela do dia 18 de março, véspera da festa de São José, em que saudávamos o Fundador pelo seu onomástico.

Um ano, precisamente em 1959, Mestra Assunta, antes de apresentar a relação das atividades apostólicas (iniciativas da propaganda, andamento das livrarias, edições, movimento catequético, etc.), agradeceu ao Fundador pelo dom da Congregação, do espírito paulino, do apostolado e "por termos dado a Primeira Mestra". Ao ouvir esse nome um grande aplauso irrompeu no salão. Pe. Alberione, sorrindo, e aproveitando-se da ocasião, gentilmente, disse: "Mas façam tesouro disso!" E no final de seu discurso, repetiu: "Estou contente pela menção calorosa feita à Primeira Mestra. Sigam-na sempre. Não são necessárias muitas palavras, nem muitos estudos para guiar, basta possuir a sabedoria de Deus e ser iluminados por Deus".

M. Letizia Panzetti, fsp